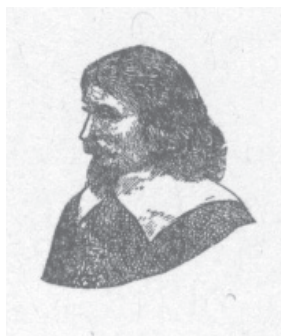


O Peregrino

(em duas partes)

John Bunyan



Tradução
Charles David Becker



Cristão

O Peregrino

Por
John Bunyan

Tradução
Charles David Becker

Literatura Monte Sião
Caixa Postal 241
18550-970 Boituva – SP

www.lmsdobrasil.com.br

e-mail: info@lmsdobrasil.com.br

2009

O Peregrino,
por John Bunyan,
foi publicado no inglês sob o título
The Pilgrim's Progress
e traduzido para o português pela
Publicadora Menonita
C.P. 105
75901-970 Rio Verde - GO

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, eletrônico ou mediante fotocópia, gravação, etc., nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da Publicadora Menonita.

Esta edição de O Peregrino
foi publicada pela
Literatura Monte Sião
com autorização expressa da
Publicadora Menonita

Índice

Resumo da vida do autor.9

O PEREGRINO (primeira parte)

Capítulo I15

Capítulo II35

Capítulo III.49

Capítulo IV.69

Capítulo V79

Capítulo VI.99

Capítulo VII113

Capítulo VIII137

Capítulo IX.143

Capítulo X163

Capítulo XI.175

A PEREGRINA (segunda parte)

Introdução189

Capítulo I193

Capítulo II203

Capítulo III.....	.215
Capítulo IV.....	.227
Capítulo V239
Capítulo VI.....	.257
Capítulo VII.....	.279
Capítulo VIII297
Capítulo IX.....	.311
Capítulo X317

Resumo da vida do autor

John Bunyan, o autor, nasceu em Elstow, perto de Bedford, na Inglaterra, no ano de 1628. Seu pai, Thomas Bunyan, consertava tachos e panelas. John aprendeu a mesma profissão. Conhecemos muito pouco da sua mãe, que chamava-se Margaret Bentley.

A família Bunyan, que durante séculos morou na Inglaterra, era relativamente rica, mas na época do nascimento de John, perdeu quase todas as suas propriedades, tornando-se pobre. John estudou na escola em sua aldeia, onde aprendeu a ler, escrever e fazer cálculos.

Mais ou menos aos dez anos de idade, John parou de estudar para poder aprender a profissão de seu pai. Ele nunca chegou a ganhar muito dinheiro e aos dezessete anos de idade, com a Guerra Civil em andamento, ingressou no exército, provavelmente no Exército Parlamentário. Muitos dos personagens em *O Peregrino* parecem ter originado dos corajosos oficiais puritanos que ele conheceu.

Bunyan se julgava um dos piores homens. No entanto, seus pecados “graves” parecem resumir-se em quatro delitos: 1) Aos domingos à tarde ele gostava de participar de uma brincadeira chamada “derruba-gato”, na qual uma pessoa era escolhida dentre um grupo de jovens, para em seguida todos tentarem derrubá-lo. 2) Ele gostava de dançar. 3) Ele gostava de tocar os sinos da igreja paroquial [provavelmente fora de horário]. 4) Ele leu um livro intitulado *A História de Sir Bevis de Southampton* [uma obra

O Peregrino

de ficção]. Talvez mais sério do que tudo isso foi o hábito que adquiriu de usar palavrão. No entanto, seus amigos e conhecidos o tinham como um jovem comportado e piedoso.

Ele se casou com mais ou menos vinte anos de idade. Sua esposa era membro da igreja anabatista, uma mulher muito virtuosa. Sem dúvida foi a influência positiva dela que o levou a uma profunda convicção religiosa. Ele abandonou todos os seus maus caminhos, deixando de brincar de derruba-gato, de dançar, de tocar os sinos, de leitura de obras de ficção e de usar palavrão.

Durante um período de dois ou três anos ele passou por severas tentações, chegando a padecer de distúrbios mentais. Suas noites estavam repletas de visões e sonhos. Constantemente ele orava, mas passou-se muito tempo antes de sentir-se em paz. Ele tornou-se membro da Igreja Bedford em 1653, mas não tinha certeza da sua redenção até mais ou menos no ano 1655.

Seus amigos começaram a animá-lo a pregar a Palavra e logo tornou-se um dos pregadores mais populares na Inglaterra. Ao mesmo tempo ele começou a escrever, sempre tendo em mente a classe mais pobre. Ele falava e escrevia sua linguagem, sendo este um dos motivos por que “a grande multidão o ouvia com prazer”.

Não demorou e os pastores da Igreja da Inglaterra ficaram sabendo de suas pregações e se ofenderam ao saberem que ele os criticava pela maneira como viviam.

No dia 12 de novembro de 1660, pouco depois que Charles II tornou-se rei, Bunyan foi preso e encarcerado na cadeia municipal em Bedford, onde permaneceu, salvo pequenos períodos de liberdade, durante doze anos.

Ele foi acusado de dois crimes, a saber: de pregar o evangelho e de não frequentar a igreja paroquial. Em sua sentença condenatória, o juiz disse: “John Bunyan, da cidade de Bedford, operário, tem, com intenções diabólicas e perniciosas, se abstinido de ir à igreja e de estar presente

Resumo da vida do autor

no culto divino; ele tem conduzido diversas reuniões ilícitas, através das quais perturbou e desviou os bons súditos deste reino, assim contrariando as leis de nosso senhor soberano, o rei". Isto ele disse sem sequer se dar ao trabalho de ouvir qualquer testemunha. Em seguida o juiz Keeling dirigiu-se ao réu: "Ouça a sentença: Você voltará à prisão, onde permanecerá durante os três meses seguintes. Ao findar os três meses, se você não consentir em ir à igreja para ouvir o culto divino, e se não deixar de pregar, será banido do reino. Se não voltar com uma licença especial do rei, será pendurado pelo pescoço. Isso eu lhe digo com toda clareza. Carcereiro, leve-o".

Bunyan respondeu: "Se eu sáísse da prisão hoje, amanhã estaria pregando novamente, pela ajuda de Deus".

Naqueles tempos os presos tinham que trabalhar para se sustentarem. Sendo que Bunyan não podia exercer sua profissão de consertador de tachos e painéis, teve que aprender a fazer renda, que um vendedor ambulante vendia para ele na rua. Ele também dava aulas de religião para os presos e continuava escrevendo. Ele tinha quatro crianças, uma delas uma menina cega. Sua primeira esposa morrera e ele se casara novamente um pouco antes de ser preso.

Estar separado de sua família doía muito em Bunyan; ele se preocupava especialmente com a filha cega, por quem tinha um carinho especial. Ele escreveu: "Pobre menina, como fico condoído com a sua porção na vida. Você é obrigada a apanhar, a mendigar, a passar fome, frio, falta de roupa e mais mil calamidades. Tudo isso que você sofre ameaça despedaçar o meu coração".

No entanto, ele permaneceu fiel. Comentando seu julgamento, disse: "Quando eu saí das portas do tribunal, senti muita vontade de anunciar que sentia a paz de Deus em meu coração e por isso bendizia o nome do Senhor. Saí para a prisão com o consolo de Deus em minha alma!"

O caso de Bunyan incomodava os juizes. Eles o cha-

O Peregrino

mavam repetidamente, pois tinham medo de bani-lo ou enforcá-lo. Ele não prometia parar de pregar, de maneira que sempre mandavam-no de volta para a prisão. Seus amigos intercediam em seu favor junto às autoridades, mas estas não se comoviam. Sua esposa, uma mulher jovem e refinada, foi a Londres e apresentou uma petição à Câmara dos Lordes, pleiteando a sua liberdade. Os argumentos que apresentou foram de alto nível, mas de nada adiantou. O juiz Twisden perguntou: "Seu marido pretende parar de pregar? Caso pretenda, pode trazê-lo para cá". Ela respondeu: "Meu senhor, enquanto ele conseguir falar, não parará de pregar".

Em outra ocasião Bunyan disse: "Tenho resolvido, enquanto o Todo-poderoso for meu auxílio e escudo, a sofrer por sua causa, mesmo que envelheça até criar musgo nas minhas sobranceiras, antes de abandonar a minha fé ou meus princípios".

Passar doze anos na prisão sem a mínima culpa parece ser uma injustiça terrível. No entanto, foi durante aqueles anos que Bunyan teve tempo para meditar e escrever, e assim se preparar para sua obra mestra. Durante o dia, sua filha cega costumava ficar ao seu lado. Durante as longas noites ele meditava e escrevia. A prisão era um lugar detestável, mas o carcereiro tratava os presos com dignidade, permitindo que de quando em quando Bunyan visitasse sua família. Numa destas ocasiões, o sacerdote de uma diocese vizinha ficou sabendo da sua ausência e mandou um emissário à prisão para conseguir provas que incriminasse o carcereiro. Enquanto isso, em casa, Bunyan começou a sentir uma grande inquietação e por isso resolveu voltar à prisão mais cedo. Quando o emissário do sacerdote perguntou: "Todos os presos estão aqui?", ele respondeu: "Sim, estão". O emissário tornou a perguntar ao carcereiro: "John Bunyan está aqui?" Novamente o carcereiro respondeu que sim, e para não haver dúvida alguma, mandou chamar o preso. Depois deste inciden-

Resumo da vida do autor

te, o carcereiro disse a Bunyan: “Você pode sair quando quiser, pois já vi que sabe muito mais do que eu quando deve voltar”.

Bunyan foi liberado no dia 13 de setembro de 1672, quando se tornou o pastor da Igreja Bedford, mas era chamado para pregar a Palavra em todo o Reino Unido.

Em 1675, novamente passou uns poucos meses na prisão, desta vez provavelmente na prisão velha sobre a ponte de Bedford. Acredita-se que foi aqui que começou a escrever esta obra imortal. Ele terminou a primeira parte logo depois de sair da prisão; publicada em 1678, foi um sucesso imediato. A segunda edição saiu no mesmo ano. A segunda parte foi publicada em 1684. Foram impressas onze edições durante a vida do autor.

No verão de 1688, Bunyan foi a Reading para tentar acalmar um pai irado. Na sua volta, foi apanhado por uma tempestade que o deixou tão resfriado que dentro de poucos dias faleceu.

Capítulo I

Enquanto andava pelo deserto deste mundo, cheguei a um lugar onde havia uma caverna. Entrei e me deitei para dormir. Durante o tempo que dormia, tive um sonho.

Neste sonho, eu vi um homem vestido com trapos. Ele estava com as costas viradas para sua própria casa. Em sua mão segurava um livro e nas costas carregava um fardo pesado. Eu vi quando ele abriu o livro e se pôs a ler. Entre mais que lia, mais ele chorava e tremia. Finalmente, não aguentando mais, começou a clamar em voz alta: “Oh! que farei?”

Logo em seguida voltou para casa, onde fez o possível para se comportar normalmente, para sua esposa e filhos não perceberem seu desespero. Mas sendo que o grande peso que sentia nas costas aumentava cada vez mais, não pôde ficar calado. Resolveu se abrir com a esposa e os filhos.

Ele lhes disse:

– Minha querida esposa e vocês, meus amados filhos, eu estou preocupadíssimo por causa de um peso que estou sentindo. Fui informado que a nossa cidade será queimada com fogo do céu. Naquela hora terrível, nós, juntamente com nossos filhos preciosos, teremos um fim lamentável, a não ser que seja encontrado um caminho de escape, o que por enquanto eu não conheço.

A esposa e os filhos do homem ficaram muito assustados, não porque acreditassem em suas palavras, mas sim

O Peregrino

por acreditarem que ele estivesse ficando louco. Sendo que já estava ficando tarde, resolveram deitar-se, achando que um bom descanso poderia curar sua moléstia e que no dia seguinte amanheceria melhor.

Mas a noite não trouxe alívio algum, pois ao invés de dormir, passou as horas lamentando e chorando. Quando o dia amanheceu, sua família quis saber como ele estava passando. Ele lhes respondeu que estava ficando cada vez pior. Novamente ele tentou falar sobre o que estava sentindo, mas sua família foi ficando cada vez mais dura com ele. Ora o ameaçavam, ora lhe imploravam, ou simplesmente o ignoravam.

Era por isso que ele se fechava no quarto e orava, não apenas por eles, mas por si próprio também, pois queria de uma forma ou outra encontrar alívio. Outras vezes ele caminhava sozinho pelos campos. Durante vários dias ele passou seu tempo assim.

Aí eu vi, um dia enquanto ele passeava nos campos, que estava lendo seu livro. Sendo que ainda não havia encontrado uma solução para seu problema, clamou, como já fizera muitas vezes: “O que eu devo fazer para ser salvo?”

Ele olhava primeiro para um lado e depois para outro, como se quisesse fugir de lá correndo. Mas ao invés de correr, ficou parado, pois não sabia para que lado correr. Enquanto eu observava tudo isso, um homem que se chamava Evangelista foi até onde ele estava e perguntou:

– Por que você está chorando?

Ele respondeu:

– Meu senhor, pelo livro que estou lendo, vejo que estou condenado à morte, para depois ser julgado. Mas acontece que não estou disposto a morrer, muito menos de ser julgado do jeito que estou.

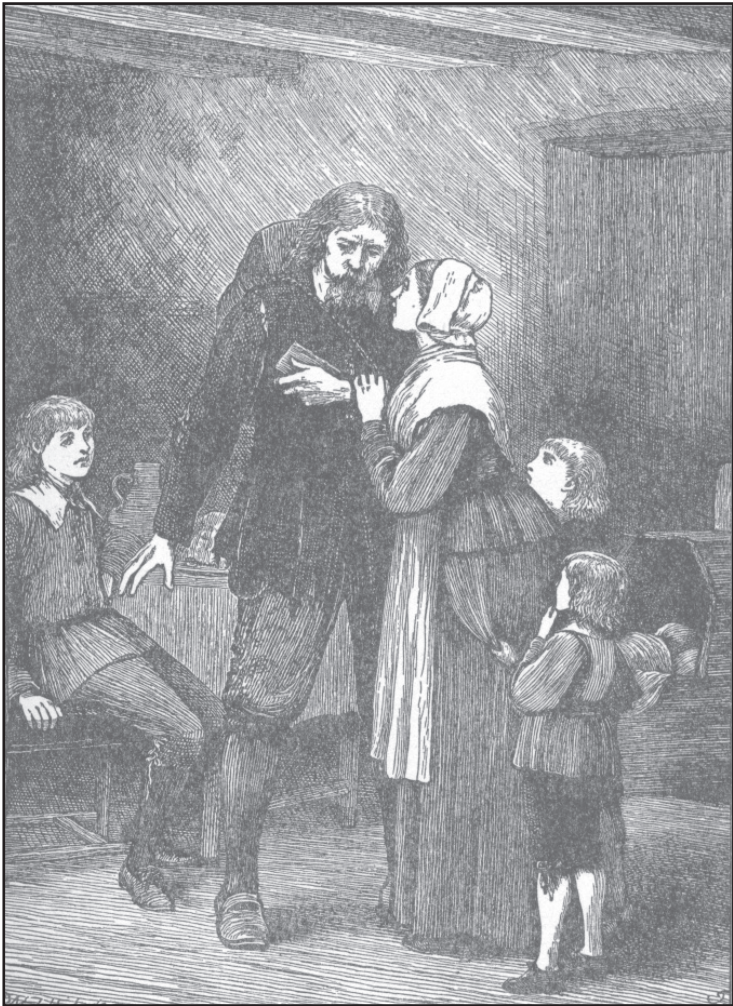
Evangelista lhe perguntou:

– Por que você não quer morrer, já que esta vida é tão cheia de problemas?

Capítulo I

O homem respondeu:

– Porque eu temo que este fardo que estou carregando nas minhas costas vai me afundar mais do que a própria sepultura. Vou acabar na terra dos mortos. Meu senhor, já que não estou disposto a sofrer a pena da prisão perpétua,



Cristão conversa com sua família

O Peregrino

tenho medo de ser julgado e sentenciado. Tudo isso me faz chorar.

Evangelista lhe disse:

– Já que sua situação é grave assim por que está aqui parado?

Ele respondeu:

– Porque não sei para onde ir.

Evangelista lhe deu um livro no qual estava escrito: “Fuja da ira futura”.

O homem leu estas palavras e depois olhou para Evangelista. Perguntou:

– Para onde eu devo fugir?

Evangelista apontou para um campo bem largo e perguntou:

– Você está vendo aquela portinha lá na frente?

O homem respondeu:

– Não, não estou vendo.

Evangelista fez outra pergunta:

– Você consegue enxergar aquela luz lá longe?

Ele disse:

– Parece que estou vendo.

Evangelista lhe disse:

– Não tire seus olhos daquela luz. Vá caminhando até chegar na porta. Bata e alguém lhe dirá o que fazer.

No meu sonho, eu vi como o homem começou a correr. Logo sua mulher e filhos perceberam o que estava acontecendo. Começaram a gritar, pedindo que voltasse. Mas o homem tapou os ouvidos com os dedos e continuou correndo. Clamava: “Vida! Vida! Vida eterna!” Correu pelo meio do campo sem olhar para trás.

Os vizinhos também saíram de suas casas para verem o que estava acontecendo. Alguns zombavam dele. Outros o ameaçavam. Outros ainda lhe imploravam que voltasse. Entre estes havia dois, que se chamavam Obstinado e Vacilante, que resolveram correr atrás e trazê-lo de volta à força.

Capítulo I

Nestas alturas, o homem já estava bem na frente deles, mas mesmo assim resolveram tentar alcançá-lo, o que não demoraram a conseguir.

Vendo-os chegar, o homem perguntou:

– Meus vizinhos, o que vocês desejam?

Eles responderam:

– Viemos convencê-lo a voltar conosco.

Ele lhes disse:

– De forma alguma voltarei. Vocês moram na Cidade da Destruição, onde por sinal eu nasci. Se morrerem naquele lugar, o que cedo ou tarde acontecerá, irão se afundar mais do que a sepultura num lugar que arde com fogo e enxofre. Muito pelo contrário, meus bons vizinhos, venham comigo.

Obstinado exclamou:

– O que! E largar para trás todos os nossos amigos e os muitos confortos que temos?

Cristão, pois é assim que ele se chamava, respondeu:

– Sim, porque nada que vocês abandonarem pode se comparar com aquilo que eu estou procurando. Se forem comigo, encontrarão as mesmas coisas que eu procuro, já que no lugar para onde eu vou há suficiente para todos. Venham comigo e verão que tudo que eu digo é verdade.

Seguiu-se o seguinte diálogo:

Obstinado: Já que está deixando as coisas do mundo, o que é que você na realidade está procurando?

Cristão: Eu procuro uma herança incorruptível, incontaminável e imarcescível, guardada nos céus. Sendo que está guardada nos céus, é uma herança segura que vou receber na hora certa se eu a procurar com toda diligência. Tudo isso está escrito em meu livro. Se quiserem, podem ler.

Obstinado: Não quero nem saber desse livro seu. O que quero saber é se você vai ou não vai voltar conosco.

Cristão: Não voltarei com vocês porque já coloquei minha mão no arado.

Obstinado: Então vamos, vizinho Vacilante. Vamos

O Peregrino

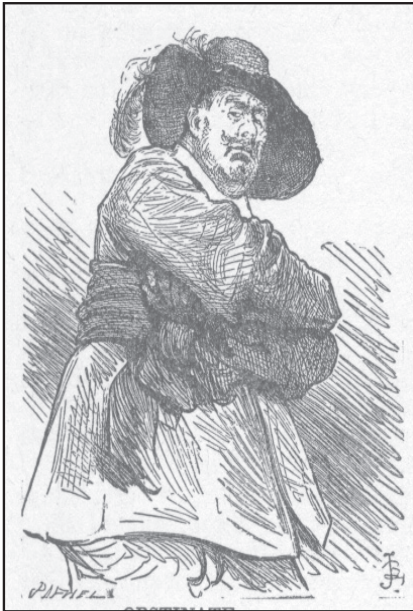
para casa sem este sujeito. Este tipo de pessoa, depois que invoca com uma coisa, se julga mais sábio do que sete homens de bom juízo.

Vacilante: Calma aí. Não diga essas coisas. Se o que o bom amigo diz é verdade, então a herança que ele procura é muito melhor do que a que nos espera. Estou achando que vou acompanhar o nosso vizinho.

Obstinado: O que! Mais um louco? Preste atenção ao que digo e volte comigo. Para onde um sujeito desmiolado desses vai lhe levar? Vamos, vamos. Mostre-se sábio e volte comigo.

Cristão: Meu bom vizinho Vacilante, venha comigo. Tudo que eu disse lhe espera...e muito mais. Caso você ainda sinta dúvidas, pode ler este livro, pois tudo que está escrito nele é verdade. São palavras escritas com o sangue do próprio autor.

Vacilante: Pois bem, vizinho Obstinado, quero deixar claro que irei com este bom homem. Seremos companheiros de viagem... Amigo Cristão, só uma pergunta: Você conhece bem o caminho por onde nós vamos andar?



Obstinado

Cristão: Eu estou sendo orientado por um homem que se chama Evangelista. Foi ele quem me ensinou como chegar a uma pequena porta lá na frente, onde receberemos mais instruções sobre o caminho.

Vacilante: Tudo bem, bom vizinho, então vamos.

Capítulo I

Obstinado: Eu voltarei para a minha casa. Não quero nem ficar perto de gente enganada e fanática.

No meu sonho, eu vi Obstinado voltar para sua cidade. Cristão e Vacilante atravessaram o campo. Enquanto andavam, os dois conversavam:

Cristão: Mas que coisa boa, vizinho Vacilante. Fico tão feliz por você ter resolvido ir comigo. Se Obstinado tivesse sentido o poder e os terrores invisíveis que nos rodeiam, como eu já senti, teria pensado duas vezes antes de voltar para sua cidade.

Vacilante: De fato, vizinho Cristão, e já que somos só nós dois aqui, conte-me mais sobre as coisas que nos esperam e onde elas se encontram.

Cristão: O que eu vejo em minha mente às vezes eu tenho dificuldade em expressar com minha língua. Mas já que você quer saber, vou ler alguns trechos do meu livro.

Vacilante: Você sinceramente acredita que as palavras de seu livro são verdadeiras?

Cristão: Sem a menor dúvida, pois o autor deste livro não sabe mentir.

Vacilante: Tudo bem. O que é que ele diz?

Cristão: Ele fala de um reino que nunca terá fim. Ele oferece vida eterna àqueles que quiserem morar naquele reino eternamente.

Vacilante: Gostei. E que mais?

Cristão: Ele dará a todos os cidadãos daquele reino uma coroa de glória e roupas que resplandecem como o sol que vemos no céu.

Vacilante: Isto é muito bom. E que mais?

Cristão: Naquele lugar não haverá tristeza. Ninguém chorará porque o próprio rei enxugará todas as lágrimas dos olhos.

Vacilante: Como são os habitantes daquele lugar?

Cristão: São serafins e querubins, isto é, criaturas resplandecentes. Naquele lugar você encontrará milhares e dezenas de milhares de pessoas que já viveram aqui

O Peregrino



Vacilante

e depois foram para lá. Não haverá ninguém odioso ou mal-intencionado. Antes todos serão amorosos e santos. Andarão com Deus e permanecerão em sua presença para todo o sempre. Resumindo, neste lugar veremos os anciãos com suas coroas de ouro. Veremos as santas virgens com as harpas de ouro. Veremos os homens que foram despedaçados pelo mundo, aqueles que foram queimados na fogueira, devorados pelas bestas feras e afogados nos mares

por causa do amor que tiveram pelo Senhor daquele lugar. Agora todos estarão bem de novo, vestidos com a imortalidade.

Vacilante: Meu coração vibra com estas notícias. Mas será que realmente dá para chegar neste lugar? O que é que temos que fazer?

Cristão: O Senhor, que é o Governador daquele país, deixou instruções claras em seu livro. O que ele diz, na realidade, é que todos que desejarem estas coisas podem recebê-las de graça.

Vacilante: Muito bem, meu bom companheiro. Fico muito feliz de ouvir tudo isso. Vamos andar mais depressa.

Cristão: Eu não posso caminhar muito depressa devido ao fardo que carrego nas costas.

No meu sonho, eu vi como os dois se aproximavam de um pântano bem no meio daquele campo pelo qual

Capítulo I

passavam. Sendo que nenhum dos dois estava prestando atenção, caíram no lamaçal. O nome deste lugar é Pântano do Desespero. Continuaram andando neste pântano até ficarem totalmente enlameados. Devido ao fardo pesado em suas costas, Cristão começou a afundar.

Vacilante: E agora, vizinho Cristão. Onde você está agora?

Cristão: Sinceramente, eu não sei.

Vacilante (com muita raiva): Muito bem! Então esta é a felicidade da qual você andou falando? Se já de saída nós nos encontramos numa situação dessas, o que podemos esperar mais adiante? Se eu conseguir sair deste lugar com vida, vou deixar que você fique com a minha herança naquele país que está procurando.

Vacilante foi lutando dentro da lama até conseguir sair quase no mesmo lugar onde entrou, que na realidade ficava perto da sua casa. Afastando-se do companheiro com passos rápidos, nunca mais foi visto.

Cristão agora teve que pelejar no Pântano do Desespero sozinho. Mesmo assim, não voltou atrás, como fizera *Vacilante*, mas continuou em frente, afastando-se cada vez mais de sua casa. A cada passo, aproximava-se mais da pequena porta na frente. Mas devido ao fardo pesado nas costas, não conseguia sair do pântano.

Em meu sonho, vi quando um homem chegou para socorrê-lo. Este homem se chamava Socorro. Ele perguntou: “O que você está fazendo aqui?”

Cristão: Meu senhor, o homem que se chama Evangelista me explicou como chegar àquela porta na frente, para assim escapar da ira futura. Mas enquanto caminhava, caí neste lugar.

Socorro: Por que você não procurou a escada?

Cristão: Creio que foi por medo. Descuidei e acabei caindo.

Socorro: Dê-me sua mão.

Cristão estendeu sua mão e Socorro o tirou daquele

O Peregrino

pântano. Vendo-o novamente em terra firme, mandou que continuasse sua viagem.

Aí eu me aproximei de Socorro e perguntei:

– Meu senhor, já que este pântano está bem no caminho de quem foge da Cidade da Destruição, por que ninguém o conserta, já que muita gente deve cair nele?



Cristão no Pântano do Desespero

Capítulo I

Ele me disse:

– Este pântano não tem conserto. Por ser um lugar baixo, é justamente para cá que corre toda sujeira e corrupção do coração que sente o peso do pecado. Não é por menos que se chama o Pântano do Desespero, pois o pecador que se dá conta que está perdido sente muitos temores e dúvidas. Se você reunir toda a sujeira e corrupção da sua alma, além dos temores e dúvidas que sente, e colocar tudo num lugar só, o resultado será o pior pântano imaginável.

“O Rei não gosta deste lugar. Durante quase dois mil anos seus obreiros têm trabalhado sob a direção de seus engenheiros para consertar este lugar. Já despejaram aqui no mínimo 20 mil carretas de informações. São milhões e milhões de instruções que têm vindo de todas as províncias do reino ao longo de muitos séculos. (Quem conhece o assunto, afirma que não existe material melhor para fazer aterro.) Se instruções resolvessem o problema, o problema teria sido resolvido há muito tempo. Mas não resolveram e até hoje temos o Pântano do Desespero. E podemos ter a certeza de que este pântano nunca acabará.

“É verdade que o Legislador mandou colocar uma fileira de pedras no meio do pântano. Mas é tão grande o despejo de sujeira neste lugar que muitas vezes é quase impossível enxergar as pedras. E mesmo vendo-as, os homens que entram neste lugar ficam tão tontos que acabam caindo na lama.”

No meu sonho, vi quando Vacilante chegou em casa novamente. Seus vizinhos logo foram até sua casa. Alguns o elogiaram, dizendo que agiu bem em voltar. Outros o chamaram de tolo pelo fato de ter caído na conversa de Cristão. Outros ainda zombavam dele, chamando-o de covarde. Diziam: “Você teve coragem de iniciar a viagem, mas na hora de enfrentar pequenas dificuldades, mostrou-se fraco”.

Por causa destas conversas, Vacilante passou alguns